

Do Rock ao Samba: Análise da vinculação da Obra Fonográfica de Marisa Monte ao rótulo MPB, Suas Implicações Mercadológicas e Simbólicas¹

Laís Falcão de ALMEIDA²

Jeder JANOTTI³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Levando em consideração os gêneros musicais e as rotulações como ferramentas na proposta de análise feita pelos estudos sobre a música popular massiva. Este trabalho traz a análise dos dois mais recentes álbuns da Marisa Monte, Universo ao meu redor e Infinito particular. Uma investigação de como esses objetos e suas lógicas de produção, circulação e consumo constroem um discurso que serve como afirmação da Marisa Monte como representante da MPB (Música Popular Brasileira).

PALAVRAS-CHAVE: música popular massiva; gênero musical; crítica musical; indústria fonográfica; comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

Em uma época onde a Indústria Fonográfica Brasileira está reconfigurando suas técnicas de produção, circulação e consumo, os produtos musicais passam por novas tensões, desdobramentos e transformações nas estratégias de produção de sentido e isso acaba gerando diversos questionamentos: Como uma música ou um artista pode ser vinculado ao rótulo Música Popular Brasileira (MPB)? Quais os critérios dessa rotulação? Quais as marcas desses rótulos nos produtos musicais?

A pesquisa tenta responder essas perguntas e compreender a vinculação da obra fonográfica de Marisa Monte ao rótulo MPB, suas implicações mercadológicas e simbólicas levando em consideração os modelos da chamada Música Popular Massiva através da análise dos textos críticos referentes aos álbuns mais recentes da Marisa

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social da UFAL, email: lala.heart@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFAL, email: jederkr@gmail.com

Monte: Infinito Particular e Universo ao Meu Redor, ambos lançados em 2006 pelo selo Phonomotor e a gravadora EMI.

Quando lançados, um release sobre os álbuns foi publicado no site da gravadora EMI, onde ela explicava todo o processo de criação dos álbuns, o que a levou a produzi-los, a origem dos dois repertórios, participação de músicos e a escolha dos produtores, o que serviu como parte da circulação desses produtos.

Uma estratégia de produção é o marketing, que faz a divulgação na mídia, pois quando os discos são lançados, as pessoas precisam conhecê-lo através do release, entrevistas, críticas, para decidir consumir e depois discutir, dar sua opinião sobre esse produto em redes sociais, ou até mesmo rotulá-los, como no site LASTFM.com. Convém então acompanhar o processo de elaboração de Infinito Particular e Universo ao Meu Redor.

Nesse release, Marisa Monte conta que passou a fazer uma série de encontros e entrevistas orientadas por conversas com o Monarco, Paulinho da Viola, D. Yvonne Lara e seu pai, além de ouvir compositores, parentes e parceiros de sambistas antigos, buscando não só a obra deles, como as referências criativas na origem dos seus sambas.

Tudo isso em função da curiosidade despertada por um repertório, presente apenas na tradição oral, que estava se perdendo com o tempo. Ela confessa que ficou sabendo da existência desse repertório através do seu contato com o samba carioca, convívio com a Velha Guarda da Portela e do trabalho de pesquisa para o disco deles em 1999.

Enquanto fazia essa pesquisa, ela passou a digitalizar todo o seu acervo de fitas cassetes com o objetivo de salvar os registros do seu processo de composição durante os últimos 15 anos. Para Marisa Monte, esses foram fatos responsáveis pela criação dos seus álbuns.

Quanto à escolha do repertório, escolheu sambas de Jaime da Silva, Argemiro, Dona Yvonne, Casemiro, Moraes e Galvão, depois uniu à produção contemporânea de Adriana Calcanhotto, Paulinho da Viola, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e dela para formar o repertório de Universo ao Meu redor.

Escolheu composições suas de várias épocas para o repertório de Infinito Particular, com parceiros antigos – Nando Reis, Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes, Pedro Baby e Dadi – e também com os novos – Seu Jorge, Adriana Calcanhotto, Yuka, Leonardo Reis e Rodrigo Campelo. Por fim, revela suas parcerias na produção dos discos: Mario Caldato para Universo ao Meu Redor e Alê Siqueira para Infinito Particular.

Os textos escolhidos para análise de valoração e rotulação dos álbuns da Marisa Monte foram retirados de ambientes midiáticos considerados com alto poder de visibilidade e influência nas determinações dessas rotulações, entendendo que há uma espécie de reflexo entre a escolha de determinadas estratégias discursivas nas expressões da música popular e o posicionamento comercial que envolve os gêneros musicais. (JANOTTI, 2006).

Gêneros Musicais e Crítica Musical

Como uma tentativa de análise desses fatos e escolhas de Marisa Monte presentes nos álbuns e relatados no release da gravadora, podemos buscar entender como esses mesmos elementos influenciarão as valorações, comparações e rotulações desses discos quando eles deixam de ser apenas objeto/produto e passam a servir como produção de sentido a partir das interpretações da mídia e dos consumidores.

É importante ressaltar que o release feito por Marisa Monte, como uma estratégia midiática, já cria valorações e rotulações para sua própria obra, endereçando os discos a determinados públicos e para determinadas interpretações.

Universo ao Meu Redor ela situa como “um disco focado mais do que no samba, eu diria, na atmosfera do samba, com seus assuntos mais frequentes – o amor, a natureza, a própria música, a condição humana, o canto dos passarinhos, o quintal, o convívio através da arte...”.

A escolha de usar elementos do gênero samba é ainda determinante da escolha por um modo de entonação e de exploração da extensão vocal, na opção por determinadas formações instrumentais, no tipo de andamento de uma canção, no tema e discurso linguístico cancional, dentre outras decisões tomadas durante a produção musical. (LIMA,2008)

Assim, Marisa Monte endereça seu álbum para consumidores interessados em sambas, e, como esse repertório de samba será interpretado por ela, junto a compositores atuais e à produção de Mario Caldato, produtor com experiência dentro da música pop internacional, entende-se que não se trata de um álbum de samba tradicional, mas de uma interpretação do samba, de uma união com a música contemporânea, também direcionada, então, para os consumidores da música pop.

Quando ela coloca em *Infinito Particular* um repertório com suas composições feitas durante a produção dos seus outros álbuns e ligadas a parceiros de outros álbuns, ela endereça seu produto para seu público consumidor já formado pelas estratégias comerciais e simbólicas dos seus outros álbuns. Assim, atingindo um número maior de consumidores.

Como não se trata do seu primeiro lançamento de disco, existem significações anteriormente agregadas à Marisa Monte quando ela lançou seus outros discos, as quais colocam ela como membro da Música Popular Brasileira. Como quando ela é lançada por Nelson Motta, produtor musical reconhecido por revelar grandes nomes da Música Popular Brasileira.

Tê-lo como principal responsável pelo seu lançamento foi um fator importante para lotar seus primeiros shows, sua voz lírica e sua performance parecem ter sido os principais fatores para a crítica consagrá-la como cantora e intérprete da Música Popular Brasileira.

Quando lança seu primeiro LP em 1988, Marisa Monte ao vivo ou apenas MM, tendo Nelson Motta como seu produtor, as críticas a denominam não como uma simples intérprete, mais como cult-intérprete e se perguntavam se existia uma versatilidade ou se ela era carente de estilo, pois interpretou canções de autores com gêneros musicais diferentes e usando instrumentos musicais dos mais variados:

Apresentações esporádicas em locais habitados por esses estranhos seres chamados de formadores de opinião (jornalistas, atores, músicos, socialites e quejandos) serviram para pregar em Marisa o rótulo de musa cult. Com ele, vieram críticas elogiosas e, depois de muita negação, um contrato com a gravadora EMI (o

disco está quase pronto). Hoje você vai poder degustar esse luxo reservado a paladares exclusivos. (ADÁRIO, 1889)

Nessas críticas, Marisa Monte tem suas características mais notáveis demarcadas: a mistura de diversos gêneros musicais, o uso de diversos instrumentos musicais e interpretação das canções de autores diferentes, o que se constatou também nos seus outros discos, *Mais* (1991), *Cor de Rosa e Carvão* (1994), *Barulhinho Bom* (1996).

Quando se ouve MM, pode perceber com clareza os diferentes gêneros musicais de acordo com a faixa: Baião, Maracatu, Samba, rock e música clássica, o que acontece com o *Infinito Particular*, que dialoga com esse ecletismo, marca da Música Popular Brasileira, mas não acontece quando se ouve *Universo ao meu Redor* quando todas as faixas apresentam elementos de diferentes gêneros musicais: samba, rock, música clássica. Todos os gêneros são misturados em uma mesma faixa, o que dificulta uma separação das faixas de acordo com um gênero específico como antes poderia ser feito.

Durante a análise dessas rotulações feitas pelas críticas, não pude deixar de perceber que a maioria delas segue uma mesma linha na rotulação sobre a sonoridade dos discos, classificando *Infinito Particular* como pop e *Universo ao Meu Redor* no gênero samba.

Em nenhum momento Marisa Monte rotula *Universo ao meu Redor* como um álbum de samba ou um álbum pop, o crítico foi quem estabeleceu essas rotulações a partir de sua interpretação do que é samba, do que é música pop, conhecendo a biografia dela, de conhecer o processo de criação do álbum publicado no release, na audição dos discos e, principalmente, na escolha de seus parceiros musicais.

Porém, a crítica de Marcelo Rezende para a Revista Bravo, denominada “O samba é pop”, mostra tensões e discussões sobre a produção musical brasileira contemporânea, colocando o álbum *Universo ao Meu Redor* como um álbum de samba, e ao mesmo tempo, um álbum pop. Na crítica, ainda tem uma opinião do Hermano Vianna comparando outros nomes do novo pop brasileiro ao de Marisa Monte, ambos usando elementos globais e locais no processo de criação musical.

A cantora lança após o intervalo de seis anos (em 2002 houve o parêntese Tribalistas, ao lado de Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes) um CD de samba e um outro, definido pela mídia como "pop", globalizado, que seguiria o mesmo caminho de seus trabalhos anteriores. [...] Tem que ser local e universal, fala Vianna. E assim estão sendo Bebel Gilberto, Seu Jorge, o grupo Instituto, Bossacucanova, Marcelo D2, Apollo 9 e a cantora Cibelle, entre alguns dispostos a perseguir um novo pop brasileiro. [...] (REZENDE, 2006)

O que Vianna coloca como ser local e universal sempre existiu dentro da expressão Música Popular Brasileira, mas como uma tensão entre os gêneros musicais diversos dentro de um mesmo álbum e não como a utilização de apenas alguns aspectos de certo gênero para compor todas as faixas de um álbum, assim como fez Marisa Monte utilizando letras com os temas frequentes do samba, criar uma atmosfera do samba e mesclar com elementos contemporâneos como efeitos sonoros eletrônicos.

Ouvindo essa atmosfera, tem-se a música como uma experiência sonora que remete a certo gênero musical, mas, necessariamente, não o é. Ouvir Universo ao meu Redor não é ouvir apenas samba, é ouvir alguns elementos do samba, alguns elementos de música eletrônica, música clássica e música pop.

Essa nova forma de criar Música Popular Brasileira de acordo com um universo musical (samba e pop) coloca em cheque o modo de como a crítica tende a rotular uma canção, quando não é mais possível dizer que uma faixa é apenas de tal gênero musical, acaba tornando mais complexo o papel de valoração dos críticos.

Quando se tratava de faixas com dois gêneros musicais, a Música Clássica com o Samba, os críticos classificaram como Bossa Nova, com o fim da Bossa Nova e o advento da expressão MPB no século XX, houve a aproximação da MPB com pop globalizado, feito pelos Tropicalistas, dificultando a classificação de uma música onde uma mesma faixa mescla elementos de mais de dois gêneros musicais, mas o que dizer de um álbum voltado para um gênero musical como o samba utilizando elementos de outros gêneros musicais e do pop?

Na época de sua reconfiguração técnica, a produção de música brasileira também se altera em suas formas de produções e sua materialização plástica. Criar um álbum com uma imagem psicodélica, entrar em um universo sonoro como o samba apenas recrutando elementos de suas letras, mesclado com uma melodia contemporânea com efeitos sonoros eletrônicos para criar um ambiente e essa atmosfera do samba afirma a música mais como uma experiência. Algo a ser consumido para criar sensações, emoções, as quais se referam a um determinado lugar ou gênero, como uma representação de certos universos musicais.

The New York Times cria perfil de Marisa Monte em uma crítica de Jon Pereles intitulada “The blam, thebaroqueandthegritty - The Best of 2006”:

2. MARISA MONTE: ‘INFINITO PARTICULAR’ (Metro Blue/EMI) A compositora Marisa Monte lançou dois álbuns amáveis esse ano. Infinito Particular é o mais introspectivo deles, um conjunto de baladas que desafiam a gravidade. Sua voz flutua entre sons eletrônicos fantasmagóricos e um punhado de sopros e cordas, contemplando o amor e a transformação. (PERELES, 2006, tradução nossa).⁴

Nesse Perfil, não se trata apenas das qualificações feitas pelo crítico para a obra da Marisa Monte, mas o alcance da sua música, que conseguiu ser a única brasileira dentro desse perfil do jornal The New York Times, agregando assim um valor e uma popularidade nunca alcançada antes com seus antigos trabalhos.

No mesmo ano em que Infinito Particular e Universo ao Meu redor, a EMI MUSIC divulgou a vendagem, respectivamente 298.327 e 285.670 cópias, com isso, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), eles ficaram entre os

⁴The Brazilian songwriter Marisa Monte released two lovely albums this year. “Infinito Particular” (“Private Infinity”) is the more introspective one, a set of gravity-defying ballads. Her voice floats amid ghostly electronics and a handful of winds and strings, contemplating love and transformation.

20 mais vendidos do ano, Infinito Particular em 12º e Universo ao Meu Redor em 13º posição.

Quanto às rotulações feitas por ouvintes pelo site LASTFM.com, os quais utilizam ferramentas de rastreamento de informações, situam Marisa Monte através de “Tags”. Os principais “Tags” vinculados a Marisa Monte são: MPB, Mulheres Vocalistas, Brasileira e Bossa Nova Brasil.

Isso mostra que os ouvintes da obra de Marisa Monte reconhecem elementos da MPB, da Bossa Nova e o quanto a cultura popular brasileira influencia na obra de Marisa Monte.

A fixação do termo Bossa Nova a Marisa Monte pode ser atribuída a sua voz lírica e aos instrumentos da música erudita utilizados nas suas composições como, por exemplo, o uso de violino, violoncelo, trompete, fagote, xilofone, piano, metalofone, fender rhodes e hammond no álbum Infinito Particular e o uso de violino, fagote, piano, metalofone, fender rhodes, tuba, cello, clarineta, clarone e vibrafone no álbum Universo ao Meu Redor.

Dessa maneira, a relação de consumo/circulação/produção e valorização de objeto de um álbum MPB dependem, em parte do que consideramos ser um álbum MPB e de quem consideramos como os seus principais atores envolvidos nesses processos.

Quando compramos um determinado produto musical e não outro, trata-se de um reconhecimento de marcas inscritas naquele produto ou práticas sociais forjadas nele para que eu me identificasse com ele.

A produção de sentido desse rótulo pode ser reconhecida através de valorização negativa e/ou comparativa com outros gêneros, pois o que consideramos ser MPB está diretamente relacionado com aquilo que não consideramos MPB, assim como um representante da MPB está diretamente relacionado com o não representante da MPB nas faixas dos álbuns e nos textos musicais.

Indústria Fonográfica e Música Popular Brasileira

A entrevista de promoção dos seus dois novos álbuns, no Centro Cultural do Banco do Brasil, foi publicada pela revista VISÃO, de Portugal, feita por Pedro dias de Almeida denominada “pequenina e também gigante”, no dia 16 de Março de 2006:

Giovanni Bianco, diretor de arte que trabalhou na concepção gráfica do último disco de Madonna, afirmou: «Profissionalmente, Madonna e Marisa Monte são muito parecidas. Sabem exatamente o que querem, onde querem chegar e qual é o poder delas.» Quer comentar?

[...] É um homem muito talentoso e muito trabalhador, fez a capa do meu disco Memórias, Crônicas e Declarações de Amor. [...] Ele acha que eu e a Madonna nos parecemos porque nos interessamos por todas as etapas do trabalho. [...] Mas o Giovanni acha que é excepcional e que somos únicas, até diz que o sonho dele é que eu trabalhe com a Madonna.

Mas tem um poder mais terra a terra, na música brasileira. O poder, por exemplo, de fazer o que quer. Como editar dois discos ao mesmo tempo...

Sabe, a liberdade é uma coisa que ninguém nos dá. Temos que lutar por ela a vida inteira. Se não... Não está escrito em nenhum lugar no mundo que eu não posso fazer dois discos ao mesmo tempo, também não está escrito que somos obrigados a lançar um disco e a dar milhões de entrevistas. Com os Tribalistas, por exemplo, não demos nenhuma entrevista no lançamento, e foi assim, libertário [...]. (ALMEIDA, 2006)

As comparações com a Madonna e a resposta de Marisa Monte estão relacionadas ao contexto nacional e global da produção de música, pois durante a década em que esses discos foram lançados, as pesquisas publicadas pela Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD) indicavam a queda das vendas de CDs no mercado e mudanças nos direitos autorais, apontando como causa o novo formato digital da música e a sua facilidade de compartilhamento via internet, o que no Brasil, apenas agravou o problema da pirataria.

Quando a indústria da música estava sofrendo essa reconfiguração em suas lógicas comerciais, músicos, produtores e gravadoras começaram a modificar suas estratégias de produção e circulação de música para que produções musicais conseguissem um retorno financeiro favorável com a venda de discos, assim como ocorreu com Marisa Monte.

Em 2006, pela primeira vez a ABPD apresentou uma pesquisa de mercado sobre o universo musical na internet. O estudo, encomendado à Ipsos Insight, empresa de pesquisa de marketing do grupo Ipsos, constatou que 8,2% da população pesquisada, o que corresponde cerca de 2,9 milhões de pessoas, baixaram música na internet no ano de 2005, contabilizando quase 1,1 bilhão de canções sendo baixadas da rede mundial de computadores, a grande maioria oriunda das redes de compartilhamento de arquivos (PeertoPeer). Um número assustador e de prejuízos incalculáveis para o setor fonográfico como um todo: gravadoras, artistas, compositores, músicos, etc. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE DISCOS).

Ter lançado seus álbuns como por um selo independente, não permitir a transferência dos arquivos musicais presentes nos discos para o computador e ter utilizado uma gravadora multinacional, para distribuição dos seus discos, funcionaram como estratégias comerciais diante das mudanças dentro na indústria fonográfica.

A EMI Music é uma empresa internacional de música com presença em cerca de 70 países. Seu catálogo inclui alguns dos mais importantes artistas do Brasil e do exterior em selos mundialmente famosos. Seu cast atual compreende aproximadamente 1.500 artistas e a cada ano são lançados mais de mil novos títulos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE DISCOS).

De acordo com essas escolhas, durante a produção de seus discos, podemos inferir as intenções de Marisa Monte em ser dona da sua própria obra, de ter uma independência artística dentro da indústria da música com a criação do selo Phonomotor Records e de suas intenções de expandir o alcance de suas músicas das fronteiras nacionais, escolhendo uma gravadora com grandes representantes do pop internacional.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. Categorização dos Gêneros Musicais na Internet – para uma etnografia virtual das práticas comunicacionais na plataforma Last.FM. In: FREIRE FILHO, J.; HERSCHMANN, M. (orgs). Novos Rumos da Cultura da Mídia: indústrias, produtos, audiências. Rio de Janeiro: Mauad X. 2007.
- FREIRE FILHO, João; JANOTTI JR., Jeder. Comunicação e Música Popular Massiva. Salvador:EdUfba, 2006.
- FRITH, Simon. Performing Rites: on the value of popular music. Cambridge/Massachusett: Havard University Press, 1996.
- JANOTTI JR., Jeder Silveira. Por uma análise midiática da música popular massiva: uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. E-Compós (Brasília), v. 1, 2006.
- _____. Heavy Metal com Dendê: música e mídia em tempos de globalização. Rio de Janeiro, E-papers, 2004.
- _____. Aumenta que isso aí é rock androll: mídia, gênero musical e identidade. Rio de Janeiro:E-papers, 2003b.
- _____.Música Popular Massiva e Comunicação: universo particular. Revista Interim (Curitiba). V.4, 2007. Disponível em:http://www.utp.nr/interin/revista_interin.htm
- Last.FM. Disponível em <http://www.lastfm.com.br>.
- LIMA, Tatiana. Manguabeat – da cena ao álbum: performances midiáticas de Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador: FACOM/UFBA, 2007.